

## A VIAGEM DE SÃO BRANDÃO PAISAGEM E PARAÍSO NA IRLANDA ANTIGA

Elva Johnston  
UCD School of History and Archives  
UCD Dublin  
[elva.johnston@ucd.ie](mailto:elva.johnston@ucd.ie)

Recebido em: 14/03/2019

Aprovado em: 20/06/2019

**Resumo:** O *Nauigatio Sancti Brendani* (Viagem de São Brandão) é um importante texto medieval antigo, datado do século VIII e escrito na Irlanda. Era uma narrativa influente e era amplamente conhecida e adaptada em toda a Europa, chegando a ser vista como precursora das viagens ao Novo Mundo durante a Era das Descobertas.

Ele conta como São Brandão, um importante abade irlandês que viveu no século VI, é chamado a fazer uma viagem à Terra Prometida dos Santos, que, segundo o texto, pode ser encontrada no Oceano Atlântico a oeste da Irlanda. Ele é acompanhado por uma tripulação de monges em sua viagem, que se prolonga por vários anos. O santo e seus companheiros devem vencer as tentações antes de chegarem ao seu destino. No caminho, Brendan visita o que são quase certamente as Ilhas Faroé no Atlântico Norte, encontra monges e eremitas, passa por uma ilha demoníaca, celebra a Páscoa nas costas de uma baleia e encontra Judas Iscariotes. O espaço em que ele viaja é ao mesmo tempo real e imaginário. Fascinante, então, a viagem de Brandão é colocada com segurança dentro da geografia real do norte e oeste do Oceano Atlântico. Como resultado, o *Nauigatio* oferece insights sobre as visões irlandesas da paisagem e seu significado simbólico. Este artigo explorará a geografia espiritual da jornada de São Brandão e a conectar à expressão de ideais monásticos na Irlanda medieval antiga. O que os *Nauigatio* podem nos dizer sobre as percepções coletivas dos monges irlandeses? Podemos detectar ecos de vidas reais em paisagens reais ao longo da costa oeste da Irlanda? Essa combinação hábil do simbólico e do real é o que diferencia o *Nauigatio* de outros textos irlandeses antigos e, sem dúvida, explica porque ele se tornou uma das narrativas mais populares dentre todas as primeiras narrativas medievais.

**Palavras-chave :** Viagens – São Brandão – Geografia

**Resumo :** The *Nauigatio Sancti Brendani* (Voyage of St Brendan) is an important early medieval text, dating from the eighth century and written in Ireland. It was an influential narrative and was widely known and adapted across Europe, even coming to be seen as a forerunner of the voyages to the New World during the Age of Discovery.

It tells of how St Brendan, a prominent early Irish abbot who lived in the sixth century, is called to go on a journey to the Promised Land of the Saints which, the text tells us, can be found in the Atlantic Ocean to the west of Ireland. He is accompanied by a crew of monks on his voyage which takes places over several years. The saint and his companions must overcome temptations before they reach their destination. On the way Brendan visits what are almost certainly the Faroes in the north Atlantic, encounters monks and hermits, passes a demonic island, celebrates Easter on the back of a whale and encounters Judas Iscariot. The space in which he travels is at once real and imaginary. Fascinatingly, then, Brendan's voyage is securely placed within the actual geography of the north and west Atlantic Ocean. As a result, the *Nauigatio* offers insights into Irish views of the landscape and its symbolic significance. This paper will explore the spiritual geography of St Brendan's journey and will connect it to the expression of monastic ideals in early medieval Ireland. What can the *Nauigatio* tell us about the collective self-perceptions of Irish monks? Can we detect echoes of real lives in real landscapes along the Irish western seaboard? This skilful combination of the symbolic and the actual is what sets the *Nauigatio* apart from other early Irish texts and arguably explains why it went onto become one of the most popular of all early medieval narratives.

**Keywords :** Travels – St. Brendan - Geographies

## INTRODUÇÃO

A *Viagem do Abade São Brandão* é um dos textos antigos irlandeses mais famosos e tema de muita polêmica e especulação. Algumas pessoas pensam que ele descreve uma viagem real às Américas, realizada por monges irlandeses da Alta Idade Média, enquanto outros o interpretam como um texto religioso simbólico. Vou salientar alguns fios condutores desta trama que estão ligados ao nosso tema *Paisagem* e examinar se estes fios podem esclarecer o significado da narrativa.

Antes disto, entretanto, quero apresentar o texto. A *Viagem de São Brandão* é uma narrativa hiberno-latina que foi provavelmente escrita na Irlanda durante a segunda metade do século VIII ou, o mais tardar, próximo ao início do século IX, apesar de esta datação ainda estar aberta ao debate.<sup>1</sup> Conta como São Brandão, um importante abade da Irlanda antiga, que viveu no século VI, é chamado para partir em uma jornada à Terra Prometida dos Santos que, de acordo com o que o texto narra, pode ser encontrada no Oceano Atlântico ao noroeste da Irlanda. São Brandão é acompanhado por uma tripulação de monges nesta viagem que acontece ao longo de sete anos. O santo e seus companheiros devem enfrentar e vencer tentações antes de chegar ao seu destino. No caminho, Brandão visita ilhas no Atlântico Norte, encontra monges e ermitões, celebra a Páscoa nas costas de uma baleia e encontra Judas Iscariotes. A paisagem na qual ele viaja é ao mesmo tempo real e imaginária. A narrativa explora a forma de um abade criar uma comunidade monástica perfeita e de um monge nela viver. O texto se baseia em uma rica e diversa tradição literária presente desde o início do século VII.<sup>2</sup>

Eu gostaria de examinar a paisagem na *Viagem de São Brandão* e explorar seu significado mais profundo. Para fazer isso, explicarei a importância das visões cristãs de mundo, especialmente na geografia. Estas visões estarão ligadas ao desenvolvimento de um ideal religioso conhecido como *peregrinatio*, ou exílio. Adiante, combinarei estes dois elementos – geografia cristã e ideal religioso – e mostrarei como eles se conectam às paisagens reais ou imaginárias de nosso texto.

## GEOGRAFIA CLÁSSICA

Escritores cristãos herdaram a tradição geográfica clássica. Acreditava-se que o mundo, ou *orbis terrarum*, era um globo composto de três continentes: Europa, Ásia e África. Este globo se encerrava em águas desconhecidas, *oceanus*.<sup>3</sup> O globo era cercado pelas estrelas e estas, junto com a Lua, rodavam em torno da Terra. Os romanos acreditavam que os povos mais civilizados viviam próximos ao centro do mundo, literalmente o Mediterrâneo. Ao se afastarem do centro, os povos ficavam menos civilizados e o clima piorava. Portanto, para os romanos, *geografia* não era apenas geografia. Ela lhes dava uma maneira de interpretar o mundo e determinar a superioridade de sua cultura.

Esta visão do mundo foi o fundamento da maneira como a maioria dos cristãos mais cultos pensava a respeito da paisagem geográfica. Ela foi popularizada por escritores cristãos como Agostinho no século V, Cassiodoro no século VI e Isidoro de Sevilha no século VII. Por exemplo, o trabalho extremamente influente de Isidoro, *Etimologias*, baseava-se diretamente nela. Além disso, os cristãos combinavam a Bíblia com a herança clássica. Eles colocavam Jerusalém no centro do mundo e nele mapeavam as divisões étnicas do Gênesis. Portanto, acreditava-se que África, Europa e Ásia seriam as terras dos descendentes dos três filhos de Noé, respectivamente Cam, Jafé e Sem. Os continentes eram unidos através da peregrinação aos lugares santos do Mediterrâneo. A geografia era considerada importante. Cassiodoro, por exemplo, pensava que estudá-la poderia levar a um maior entendimento de Deus. Além disto, o tempo estava ligado ao espaço, já que os cristãos acreditavam que eles tinham sido criados juntos. Para eles, uma das características do Paraíso é que ele existia além do tempo.

Havia também um outro fator. Os cristãos acreditavam que poderia haver um Paraíso terrestre, apesar de não concordarem a respeito de sua natureza e de sua localização. Para alguns era o Jardim do Éden, perdido no oriente. Para outros, havia um Paraíso sob as montanhas do Cáucaso, na Ásia Central. Geralmente, esse Paraíso era localizado no oriente mas, com o passar do tempo, muitas pessoas acreditaram que se

localizava a oeste, escondido no oceano. Como no Paraíso celeste, o tempo corria de forma diferente; seus habitantes eram muitas vezes imaginados como sendo eternos. Também se pensava a respeito desse Paraíso que era um lugar concreto, no mundo físico. Estas especulações têm papel importante no Paraíso da *Viagem de São Brandão*, a Terra Prometida dos Santos (*terra repromissionis sanctorum*).

## PEREGRINATIO

Agora é necessário examinar quais ideais religiosos influenciaram a *Viagem de São Brandão*. Um dos mais importantes é o conceito de *peregrinatio pro Christo* ou Exílio para Cristo. *Peregrinatio* era uma forma de renúncia religiosa que se inspirava nas palavras de Jesus nos Evangelhos, quando disse aos crentes que eles deveriam largar seu local de nascença e sua família para seguir a Deus. Originalmente, o termo *peregrinus* significava *estranho, desconhecido*, mas entre os irlandeses veio a significar *exilado*; *peregrinatio* era uma forma de exílio para agradar a Deus. Uma definição simples de *peregrinatio* seria a de que um *peregrinus*, "peregrino", deixaria para sempre sua terra ou território natal para servir a Cristo numa terra estrangeira.<sup>4</sup> Durante o século VII, os irlandeses consideravam um *peregrinatio* além-mar como a forma mais pura de renúncia ascética, o que se tornou inspiração para muitos irlandeses, que partiram para o continente europeu ou para a Bretanha: homens como Columba, o fundador de Iona, e Columbano, o fundador de Luxeuil na Borgonha e Bobbio no norte da Itália. Acreditava-se que *peregrinatio* era uma forma de martírio. Felizmente, o *peregrinatio* é citado em uma grande variedade das fontes ainda existentes, irlandesas ou não. Este é provavelmente um dos conceitos melhor entendidos da Igreja irlandesa do início do período medieval.

E como isto está relacionado ao nosso texto? Primeiramente, já foi provado de maneira convincente que todo um gênero de literatura, composto de narrativas conhecidas coletivamente como contos de viagens, foi inspirado pelas experiências históricas reais de *peregrini*.<sup>5</sup> Estes contos geralmente fazem com que o protagonista deixe a Irlanda e reme por entre uma quantidade de ilhas imaginárias. Eles se baseiam

em uma variedade de fontes, sendo influenciados pela literatura apócrifa cristã, de uma forma bastante geral também por exemplos clássicos como a *Eneida* e, de uma forma ainda menos direta, pela *Odisseia*. Vale notar que os tipos mais antigos de contos de viagem são escritos em latim e, mais adiante, estes parecem influenciar diretamente o gênero vernacular irlandês conhecido como *immrama* (remar sem rumo).

Apesar de ter havido um debate entre pesquisadores a respeito da origem dos contos de viagem e de seu relacionamento com um gênero de aventuras no outro mundo conhecido como *echtraí*,<sup>6</sup> não há motivo para entrar em detalhes a respeito. Basta dizer que, enquanto ambos os gêneros apresentam aventuras em locais com características de outro mundo, os *immrama* tratam especificamente de uma multiplicidade de ilhas de outro mundo no além-mar. Estas ilhas foram possivelmente inspiradas, pelo menos em parte, pela discussão de Isidoro a respeito de ilhas no Livro XIV de suas *Etimologias*. Neste trabalho, sua influente descrição da Irlanda é logo seguida por uma descrição das Ilhas Afortunadas.<sup>7</sup> Isidoro diz ao leitor que estas ilhas foram confundidas com o Paraíso pelos gentios devido à sua fertilidade e abundância naturais. Esta concretização de um Paraíso além-mar é levada adiante por escritores irlandeses, que apresentam as ilhas do oceano como laboratórios religiosos e sociais, de modo a explorar os conceitos de monasticismo, Céu e Inferno.

Muitos críticos já buscaram uma origem histórica para esta característica básica destes contos. Kathleen Hughes sugeriu que contos de viagem são um reflexo literário do *peregrinatio*.<sup>8</sup> Ela demonstra que é um pequeno salto da imaginação entre sua prática concreta e a ideia de que um penitente ou *peregrinus* pode ser encontrado navegando nos grandes mares a oeste. Este raciocínio é reforçado pelo fato de que algumas das influências mais antigas são monásticas. Esta teoria recebe apoio das referências mais antigas existentes de um conto do tipo "remar sem rumo", aquele do *peregrinus*-clérigo Cormac, registrado por Adomnán em *Vita Columbae*.<sup>9</sup> O que se relata de Cormac é que ele procura por uma *terra secreta* no oceano para realizar a sua vocação ascética. Entretanto, existe uma distinção básica entre estes exemplos de contos de peregrinos e a estrutura dos contos de viagem, inclusive da *Viagem de São Brandão*: estas viagens são marcadas por um mesmo ponto de partida e destino. Em outras palavras, o viajante

quase sempre retorna para casa, enquanto que do *peregrinus* espera-se que permaneça no exílio.

Existem outras considerações históricas. Já se argumentou que, ao final do século VIII, o padrão de *peregrinatio* irlandês mudara devido à dupla influência dos vikings e dos ideais dos ascetas Céle Dé.<sup>10</sup> O segundo grupo tem provavelmente maior influência nisso, especialmente em termos ideológicos e teológicos. Os Céli Dé, que se inspiravam no austero Máel Ruain († 792),<sup>11</sup> foram influentes até o final do século IX. Eles davam ênfase a ideais monásticos mais próximos aos do *stabilitas*, muitas vezes às custas do *peregrinatio*.<sup>12</sup> Máel Ruain desencorajava peregrinações além-mar e pedia a seus monges que permanecessem em seus mosteiros e praticassem um estilo de vida austero junto com outros monges, algo que também encontramos no final da *Viagem de São Brandão*. Entretanto, os Céli Dé não eram os únicos a defender o *stabilitas*. Regras monásticas irlandesas, como a *Regra de Ailbe*, proibiam o monge de deixar seu mosteiro em circunstâncias normais.<sup>13</sup> Uma ênfase no *stabilitas*, amplamente disseminada, pode ter significado que a jornada real de um *peregrinus*, de um Columbano ou Columba, transformou-se em uma busca pelo outro mundo.

## PAISAGENS REAIS

Todos estes elementos – geográficos, religiosos e históricos – têm seu papel nas paisagens apresentadas na *Viagem de São Brandão*. A partir de agora explorarei estas paisagens e examinarei como elas se relacionam às ideias que já delineei. Vou me concentrar em três tipos de paisagem: a real, a liminar e, finalmente, a apocalíptica. O que elas nos dizem sobre a Igreja irlandesa inicial e suas crenças?

Deve-se enfatizar que a geografia das ilhas que formam o centro da *Viagem de São Brandão* é, de fato, real. Isto se baseia não apenas nas descrições físicas, que examinaremos logo a seguir, mas também em outros tipos de evidências. Por exemplo, sabemos que clérigos irlandeses exploraram o Atlântico Norte. O geógrafo irlandês do

início do século XIX, Dicuil, dá-nos um *insight* importante sobre as motivações e as conquistas de viajantes clericais irlandeses no seu *Liber de Mensura Orbis Terrae*. Ele descreve como os clérigos irlandeses buscaram as ilhas do Atlântico Norte para viver sua vida religiosa, numa forma efetiva de *peregrinatio*. Entretanto, a chegada dos vikings causou o fim de seus assentamentos. Além disso, em uma passagem famosa e memorável, ele descreve uma expedição de monges irlandeses à Islândia, até então não colonizada, que data do período aproximado de 795 d.C.. Os monges observaram de perto o que eles consideraram dados físicos e astronômicos incomuns, inclusive o fenômeno do Sol da meia-noite que ocorre no verão da Islândia:

[...] clérigos que viveram na ilha [...] me disseram [...] que o Sol se punha à noite [...] de tal forma que não havia escuridão [...] e um homem podia fazer o que quisesse como se o Sol estivesse no céu, até mesmo remover piolhos de sua camisa [...] (*Liber de mensura orbis terrae*, vii §11)

Realmente, quando os nórdicos chegaram à Islândia, retinham uma memória de assentamentos irlandeses anteriores por lá, até mesmo em ilhas mais ao norte, como as Faroés.

Esta paisagem histórica de viagens no Atlântico Norte, inspiradas pelo *peregrinatio*, é fundamental para a *Viagem de São Brandão*. O uso do real, descrito em linguagem simples e direta, dá embasamento à história e a torna mais acessível. Por exemplo, a Ilha das Ovelhas e o Paraíso dos Pássaros, localizadas uma ao lado da outra e entre outras ilhas, são quase certamente as Ilhas Faroés. Estas ilhas do Atlântico Norte são descritas em linguagem direta como sendo cheias de ovelhas, peixes e pássaros do mar. Esta descrição é muito similar àquela de Dicuil em seu *Liber de Mensura Orbis Terrae* (vii §15) e esta é a descrição tida como a das Ilhas Faroés. De fato, a evidência tirada do exame de pólen dá apoio à ideia de que houve assentamentos religiosos irlandeses nestas ilhas antes da chegada dos vikings.

Da mesma forma, a imagem do Pilar de Cristal, encontrada na narrativa após a navegação por mar aberto, parece evocar um *iceberg* no Atlântico Norte e descreve as condições meteorológicas associadas ao encontro com um *iceberg*. A Ilhas dos

Ferreiros, "bruta, pedregosa e cheia de lava escória", parece ser a Islândia, enquanto que a Montanha de Fogo (*Nauigatio* §24), que tinha "muita fumaça no topo", é uma descrição bem exata de um vulcão, apesar de sua erupção ser atribuída a demônios ao invés da geologia. Como podemos notar, existem muitos exemplos deste embasamento no real. Quero examinar um destes exemplos em particular, a Ilha de Paul, o Ermitão.

Este é um trecho do texto:

Quando chegaram à praia, não conseguiam encontrar um local para aportar por causa da altura do penhasco. A ilha era pequena e circular (...) Não havia terra sobre ela, mas parecia ser uma pedra nua como uma pederneira (...)

A descrição física corresponde à de uma pequena e isolada ilha do Atlântico Norte chamada Rockall, hoje em dia bastante famosa por estar no centro de uma disputa de direitos de pesca e de potencial exploração de petróleo entre a Irlanda, a Islândia e a Grã-Bretanha. No texto, ela está localizada ao sul da Ilha dos Ferreiros, que, como já vimos, deve ser a Islândia, e a noroeste da Irlanda. Esta localização corresponde bastante à localização real de Rockall. Mais uma vez, um lugar real é a inspiração para as paisagens marítimas da *Viagem de São Brandão*.

Estas paisagens marítimas são tão convincentes que alguns historiadores chegaram ao ponto de argumentar que os irlandeses chegaram à Groenlândia cerca do ano 900, bem como ao Mar de Sargasso. Estas sugestões são, entretanto, altamente especulativas, e não são comprovadas pela história ou pela arqueologia. Na realidade, um dos mais populares enganos a respeito da *Viagem de São Brandão* é que ela nos contaria como os monges irlandeses chegaram até a América do Norte no século VI. Como veremos, a descrição da Terra Prometida dos Santos é extremamente simbólica e é muito pouco provável que represente a América. A geografia real da *Viagem de São Brandão* está localizada com firmeza no mundo das viagens de clérigos para as Hébridas, Faroés e Islândia, no Atlântico Norte. Na verdade, a *Viagem de São Brandão* é um exemplo de como observações empíricas no Atlântico Norte alimentaram as especulações intelectuais e as explorações realizadas nas mentes de escritores. O autor

da *Viagem de São Brandão* construiu uma narrativa que se baseava em experiências marítimas verdadeiras. Entretanto, ele teceu uma trama mista de realidade com preocupações religiosas. É um testemunho da qualidade do texto, o fato de tantos até hoje o tomarem como realidade literal.

## PAISAGENS MONÁSTICAS

Pesquisadores já reconheceram há muito que a *Viagem de São Brandão* é um texto monástico em seu sentido mais amplo. Em outras palavras, não é apenas um produto eclesiástico, mas também se preocupa com a vida monástica e sua organização. O texto abre com a visita do monge Barinthus ao mosteiro de Brandão em Clonfert. Logo a seguir, Barinthus cria uma imagem que evoca o mosteiro de seu filho, Mernóc:

(...) os irmãos (monges) vieram de suas celas para nos receber como um enxame de abelhas. Suas habitações eram espalhadas mas eles viviam como um na fé(...)

A comunidade é descrita como sendo composta de pequenas celas monásticas individuais e isto está inteiramente de acordo com o que sabemos através do registro arqueológico. Como resultado, desde o início o leitor é apresentado com o que parece ser um retrato realista da vida religiosa irlandesa da Alta Idade Média.

Mais do que isso, os heróis são todos monges. O texto, no entanto, vai além. Ele nos oferece paisagens bem embaçadas da vida monástica. Como já vimos, ele evoca fortemente a comunidade de Brandão em Clonfert e o mosteiro de Mernóc, perto de Slieve League, no noroeste da Irlanda. Além disto, Énda de Aran, um importante fundador da Igreja irlandesa, tem papel importante como mentor de Brandão. De maneira típica, estes mosteiros reais são comparados com mosteiros que são bem mais idealizados e também imaginários.

Deste modo, Brandão visita a comunidade de Ailbe no curso de sua viagem. Esse mosteiro é habitado por monges que não envelhecem e que vivem em perfeita harmonia com Deus. Os monges podem ser imortais, mas sua existência se baseia na prática de um voto de silêncio e no estilo de vida simples. Mesmo aqui, os monges vivem no tipo de cela individual que encontramos no mosteiro de Mernóc. Do mesmo modo, a Ilha dos Três Corais, onde um dos monges de Brandão é aceito e entra na comunidade, parece menos fantástica porque a liturgia dos monges é cuidadosamente descrita.

A vocação de ermitão é também foco do texto. A linha eremita do monasticismo era profundamente admirada por escritores irlandeses e os famosos ermitões, São Paulo Ermitão e Santo Antão do Egito, aparecem nas esculturas das cruzes altas irlandesas. Brandão encontra Paul o Ermitão, que é inspirado nestas figuras históricas. Ele não usa roupa alguma além de seus cabelos e depende da ajuda de lontras para se alimentar. A natureza fantástica de sua vida é contrabalançada pela descrição realista da ilha, que já examinamos anteriormente.

Por todo o texto, o papel de Brandão como abade, como pai de seus monges, é enfatizado. Ele é chamado constantemente de pai santo (*sanctus pater*) ou pai venerável (*venerabilis pater*). Ele cuida de seus monges, lidera-os na liturgia e os acalma quando estão em perigo. Quando finalmente retorna à Irlanda, os monges que ele lá deixara glorificam a Deus porque o pai que eles amam retornou. Esta imagem atraente de Brandão é altamente idealizada, com certeza, mas nos dá um *insight* de como se imaginava um abade na Alta Idade Média irlandesa.

As paisagens na *Viagem de São Brandão* são também litúrgicas, um reflexo do fato que este é um texto monástico. Os dias dos monges são governados pelas horas canônicas e pelo recitar dos salmos. A narrativa completa, por sua vez, está estruturada em torno da celebração do ano litúrgico, que culmina na Páscoa, a festa religiosa mais importante do calendário cristão. Este ciclo se repete ao longo dos sete anos da viagem e isto fica claro mesmo numa leitura superficial do texto. Darei três exemplos deste tipo, de modo a explorar mais profundamente seu significado, mas tenhamos em mente que há muitos outros exemplos presentes.

Minha primeira mostra da importância da liturgia é a forma pela qual o texto dá ênfase às horas canônicas das Matinas, Noas, Sextas, Vésperas e assim por diante. Estes são pontos fixos do dia em que os monges cantam os salmos. Eles são citados constantemente na *Viagem de São Brandão*. Entretanto, o ponto alto é certamente a celebração da Páscoa no Paraíso dos Pássaros, onde os monges cantam os salmos à meia-noite, na aurora, no meio da manhã, ao meio-dia, à tarde e duas vezes à noite, apresentando-nos o dia monástico de oração completo.

Por toda a narrativa, a Semana Santa é enfatizada. Isto era particularmente importante para os cristãos da antiguidade, por culminar com a traição, morte e ressurreição de Jesus. Portanto, na Ilha das Ovelhas, que como vimos é quase que com certeza uma das Ilhas Faroés, Brandão faz questão de celebrar a Eucaristia. Além disso, as ovelhas são apresentadas simbolicamente. Os monges festejam comendo uma "ovelha sem mancha" do rebanho, o que automaticamente se compara a Jesus e seu sacrifício. A celebração de Páscoa mais memorável é aquela que acontece nas costas de Iasconius, a criatura do mar que geralmente é indentificada como sendo uma baleia. Brandão celebra a Missa cantada neste local, e os monges só percebem que estão apoiados em uma criatura viva quando tentam fazer comida acendendo o fogo em suas costas.

Estes exemplos ilustram uma das características-chave da *Viagem de São Brandão*. O dia monástico e o ano litúrgico são apresentados como algo realizado na paisagem. Eles são parte dela em vez de ser algo que simplesmente se executa dentro de uma igreja ou mosteiro. A *Viagem de São Brandão* apresenta-nos uma externalização da vida monástica em cenários do Atlântico Norte. O local mais estranho é certamente Iasconius. A criatura gigante do mar é uma menção à baleia de Jonas, bem como à narrativa de Plínio, o Velho, de um peixe similar onde marinheiros pararam. Entretanto, ele também nos fornece uma lição simbólica mais profunda: Iasconius é um representante da natureza não caída, onde mesmo os animais agem de acordo com o plano de Deus. A presença de Iasconius aponta para as intenções mais profundas da narrativa.

## PAISAGENS LIMINARES

Estas intenções também se refletem no que eu chamo de "paisagens liminares" da *Viagem de São Brandão*. Estas paisagens contêm elementos claramente sobrenaturais ou religiosos, mas, como em outras paisagens, também são apresentadas com um grau de realismo superficial. Na história, elas são utilizadas para mostrar o movimento dos viajantes de um estado de tempo ou um estado do ser para outro. Desejo examinar os dois processos.

Inicialmente darei atenção aos seres que estão em estado liminar. Nosso primeiro encontro com eles ocorre no Paraíso dos Pássaros. Como já vimos, estudiosos que defendem a ideia da narrativa como registro de uma viagem real muitas vezes apontam a descrição realista da paisagem da ilha. Entretanto, é impossível separar esta descrição do fato de os pássaros serem mais do que aparentam. Quando Brandão os vê pela primeira vez, eles estão pousados juntos em uma árvore. Um deles voa até Brandão, suas asas fazendo o som de um sino de mão, imitando o chamado monástico para as orações. O pássaro conta a Brandão que os "pássaros" na realidade são almas de seres que foram enredados na Queda de Lúcifer do Céu, apesar de não compartilharem de seu pecado. Como resultado, apesar de barrados de entrar no Paraíso, as almas se mantêm na presença de Deus e contam ao santo que:

Vagamos por diversas regiões do ar e do firmamento e da terra (...) Mas em dias santos e domingos recebemos de volta nossos corpos (...) para que possamos ficar aqui e dar graças a nosso criador. (Nauigatio §11)

Esta passagem os identifica com os anjos neutros da literatura apócrifa cristã medieval. Estes seres não tomaram partido de Deus nem de Satanás porque foram enganados. Tardiamente tomaram o partido de Deus, mas apenas após a queda de Satanás. A crença em anjos neutros foi condenada no cristianismo oficial. Na época em que a *Viagem de São Brandão* foi escrita, essa menção era bastante incomum e é possível que o imaginário nativo da Irlanda, que liga "pessoas-pássaro" com o outro

mundo, tenha seu papel nessa narrativa também. Por exemplo, as antigas sagas irlandesas *The Dream of Óengus* e *The Destruction of Da Derga's Hostel* apresentam com destaque pássaros deste tipo. Essa conexão parece bastante possível, já que a *Viagem de São Brandão* baseia-se no universo irlandês. O pássaro passa a profetizar para Brandão o tempo de sua viagem (sete anos) bem como o seu sucesso final, mostrando que agora os anjos neutros executam o plano de Deus.

A existência – imperfeita, mas ainda paradisíaca – dos anjos neutros se contrasta com um outro exemplo da misericórdia de Deus: a soltura temporária de Judas do Inferno. Os viajantes encontram-no passando pelo que parece ser uma penitência severa em uma pedra no oceano:

Eles encontraram um homem, hirsuto e desagradável ao olhar, sentado em uma pedra. À medida que as ondas iam ao seu encontro por todos os lados, elas o atingiam até mesmo no topo de sua cabeça (...) (Nauigatio §22)

Entretanto, Judas revela que este é um "Paraíso de Delícias" (*paradisus deliciarum*) se comparado à sua punição no Inferno. É um ato de misericórdia divina, dado a ele aos domingos, durante o Natal e Páscoa, e nos dias santos associados com a Virgem Maria. Isto espelha de modo significativo a dispensa dada por Deus aos anjos neutros. Tanto os anjos quanto Judas movem-se por estados liminares: os anjos do ar para a terra e Judas das profundezas do Inferno para a terra. Nos dois casos, ideias teológicas recebem uma forma concreta através da sua realização na paisagem.

O exemplo mais claro de uma paisagem liminar é o que acompanha a passagem deste mundo para a Terra Prometida dos Santos. Esta é um Paraíso terreno, mas é também a Jerusalém Celeste, o Paraíso apocalíptico do final dos tempos. A *Viagem de São Brandão* inicia e termina com esta passagem entre mundos. A história abre com o relato de Barinthus de como ele e seu filho, o abade Mernóc, viajaram de um mosteiro no noroeste da Irlanda até esta terra prometida.

Embarcamos e içamos as velas, mas uma névoa tão densa nos cobriu que mal podíamos enxergar a proa da nave. Mas, após termos passado por isto por aproximadamente uma hora, uma grande luz brilhou à nossa volta, e surgiu a nossos olhos uma terra vasta e cheia de grama e frutos. (Nauigatio §1)

A sua jornada, apesar de mais curta, prefigura de forma bem próxima a de Brandão, como pode ser visto na seguinte passagem:

*(...) quando se aproximou a noite um grande nevoeiro os envolveu, de forma que um mal podia ver o outro (...) Após a passagem de uma hora, uma poderosa luz brilhou sobre eles novamente e a nave repousava na praia (...) Eles viram uma terra vasta cheia de árvores carregadas de frutos(...) (Nauigatio §28)*

Nota-se como o nevoeiro, nas duas instâncias, é um sinal externo de que os viajantes estão passando de um estado da existência para outro: a passagem da escuridão para a luz e do intangível (o nevoeiro) para o concreto (a terra).

## **PAISAGENS APOCALÍPTICAS**

Este estado liminar é a introdução necessária à paisagem final, que é a do apocalipse. Com isto eu quero dizer a aparição da Jerusalém Celeste, como descrita no Livro das Revelações, também conhecido como *Apocalipse* — o último livro da Bíblia cristã. O clímax deste texto, que profetiza o fim do espaço e do tempo como os conhecemos, trata de um novo céu e uma nova terra com a Jerusalém Celeste em seu centro. Ela está além do tempo e iluminada pela presença de Deus. A Jerusalém Celeste foi uma imagem poderosa para os cristãos e é base da literatura visionária até hoje. Também é parte central da *Viagem de São Brandão*. As duas descrições da Terra Prometida dos Santos contidas no início e no final deste texto são releituras da Cidade

Celeste em uma paisagem insular. As descrições não nos deixam dúvidas que a ilha e a cidade são a mesma coisa. Apontarei a seguir os elementos compartilhados entre a Jerusalém Celeste do Livro de Revelações e a Terra Prometida dos Santos na *Viagem de São Brandão*.

A Luz é um componente importante dos dois lugares. No Apocalipse, a Jerusalém Celeste brilha com a luz de Deus (Apo 21:11, 23-5) e não necessita do Sol ou da Lua. Da mesma forma, a Terra Prometida dos Santos é iluminada pela luz de Jesus (*Nauigatio* §1, §28). A ausência de Sol ou Lua indica que Brandão saiu do tempo terreno e entrou na eternidade.

Esta saída do tempo terreno é mostrada na Jerusalém Terreste através da falta das estações do ano. Desta forma, as Árvores da Vida dão frutos por todo o ano. Na Terra Prometida dos Santos, Barinthus descobre que cada planta está em flor e cada árvore com frutos ao mesmo tempo. Quando Brandão descobre árvores com frutos, um mensageiro angélico diz a ele que é sempre assim. O paralelo com as Árvores da Vida do Apocalipse é claro. Muitos cristãos acreditavam que as estações eram resultado do Pecado Original no Jardim do Éden. Na Jerusalém Celeste e na *Viagem de São Brandão* há um retorno à perfeição do Éden. Além disto, o Apocalipse dá ênfase à aniquilação do tempo normal (Apo 10:6 *et passim*). Esta também é uma característica da *Viagem de São Brandão*. Quando Barinthus e Mernóc chegam à Terra Prometida dos Santos, passam ali o que lhes parece ser quinze dias. Na verdade, é um tempo muito maior e Barintus vê nisso um sinal da sua natureza sagrada.

Tanto o Livro de Revelações quanto a *Viagem de São Brandão* chamam a atenção para as pedras preciosas do Paraíso. Estas pedras foram sujeitas a toda uma área da exegese, onde foram ligadas às virtudes espirituais. Inclusive, é dito a Brandão que ele leve algumas delas de volta à Irlanda como evidência de sua viagem. Mais importante ainda, o anjo diz ao santo que a ilha vai se tornar conhecida a seus sucessores, muitos anos no futuro, após a perseguição dos cristãos, numa certa referência ao final do mundo descrito no Apocalipse.

Finalmente, a Jerusalém Celeste é descrita como sendo dividida em duas partes pelo Rio da Vida que flui do trono de Deus. Barinthus diz a Brandão que a Terra

Prometida dos Santos tem um rio que a atravessa do leste para o oeste (*Nauigatio* §1) e o próprio Brandão vê que ele divide a ilha em dois (*Nauigatio* §28). O santo não consegue atravessar o rio, pois deve esperar o Julgamento Final, quando finalmente poderá entrar de maneira completa na Jerusalém Celeste.

A genialidade da *Viagem de São Brandão* consiste no fato de esta ilha, tão claramente de outro mundo, ser tantas vezes tomada de forma literal. Retornarei a esse assunto, mas antes, o que o texto tenta nos dizer? Barintus comenta com os monges de Mernóc que eles vivem *ante portam paradisi*, "nos portões do Paraíso" (*Nauigatio* §1). O mosteiro destes é próximo a Slieve League (*mons Lapidus*) e a jornada de lá até a Terra Prometida dos Santos parece curta. Por outro lado, Brandão viaja por sete anos. No entanto, é dito a ele que esta é a vontade divina: ele só alcança a ilha quando ele e seus monges estão prontos. Para fazer isto, Brandão gira a leste, voltando em direção à Irlanda, em vez de viajar ainda mais a oeste. Novamente, portanto, a narrativa sugere que a ilha pode ser encontrada próxima à costa da Irlanda. Claro que não é realmente uma ilha concreta, não como os leitores do conto a perceberiam. Não, eles a perceberiam em termos teológicos.

## COMENTÁRIOS FINAIS

A genialidade deste texto está exatamente no fato que ele pode ser apreciado para além de sua teologia. Ele foi muito popular no continente europeu, sendo representado em mais de 100 manuscritos. Além disto, foi adaptado para outras línguas vernáculas, inclusive tentativas iniciais em holandês médio (*De reis van sint Brandaan*) e francês anglo-normando (*Voyage de St. Brendan*). Estas adaptações são, na realidade, novos textos. Elas tendem a focar mais na ação da *Viagem de São Brandão* e são mais fantasiosos. Entretanto, também ajudaram a popularizar a ideia que o conto, de alguma forma, era o registro de uma viagem real ou que continha conhecimento geográfico real. Como vimos, a geografia do Atlântico Norte realmente possui papel importante no texto. Mas não foi isto que inspirou as imaginações de leitores mais tardios: foi a Terra Prometida dos Santos. Ela foi se interligando com outras ilhas irlandesas de outro

mundo, bem como com a inspiração vinda de especulações de geógrafos clássicos. Desta forma, nasceu a ideia que existia realmente uma Ilha de São Brandão que poderia ser encontrada no oceano a oeste da Europa. Isto, é claro, vai de encontro com a história original que afirma explicitamente que Brandão navega para leste, voltando em direção à Irlanda, de modo a encontrar o Paraíso.

Esta ilha mística era algumas vezes chamada de Ilha de São Brandão (*St. Brendan's Island*) ou *Isla de San Borondón*, e era a uma das bases da cartografia medieval e renascentista. Esta ilha aparece no Mapa Mundi Hereford do século XIII (a T-O *mappa mundi*) um pouco além da costa da África, enquanto que o mapa dos irmãos Pizzigani a situa logo ao norte das Ilhas Canárias. Durante a Era dos Descobrimentos, acreditava-se que era localizada em algum lugar do Atlântico, talvez a oeste das Ilhas Canárias ou um pouco mais distante, além dos Açores. Ela era algumas vezes considerada como a misteriosa "oitava ilha" do arquipélago das Canárias. Entre os anos de 1526 e 1721, quatro expedições navais deixaram as Canárias em busca da terra prometida de São Brandão. De maneira ainda mais confusa, foi feita uma conexão entre esta ilha e a ainda mais misteriosa ilha Hy Breasail ou Brasil. Isto aparece em mapas do século XV como *Insula Brasil*. A origem desta ilha é controversa e parece representar a mistura de muitos locais do outro mundo. Ela é algumas vezes associada com o Brasil, mas parece ser apenas uma coincidência causada pela similaridade do nome do pau-brasil.

Este último exemplo, entretanto, a mistura de Hy Brasil com o Brasil, é sintoma de uma visão popular da *Viagem de São Brandão*. Esta visão encara o conto como o registro do conhecimento irlandês do novo mundo, apesar de geralmente este conhecimento ser associado à América do Norte em vez da América do Sul. O ponto alto desta teoria foi a tentativa de Tim Severin de reconstruir a viagem de Brandão em 1976. Utilizando o texto da *Viagem* como guia, ele construiu o tipo de barco que teria sido utilizado pelos viajantes clérigos irlandeses na Alta Idade Média. Seu experimento certamente deu reconhecimento para a capacidade destes viajantes. Por outro lado, sua crença que o texto registrava uma viagem até Newfoundland não se baseia na análise do que o texto realmente trata. Nós já examinamos a descrição da Terra Prometida dos Santos, e já demonstrei o quanto ela lembra a Jerusalém Celeste. Certamente não é

Newfoundland. Além disto, tentativas de se localizar o destino de Brandão nas Américas entram em conflito com a afirmação do texto que a Terra Prometida dos Santos pode ser encontrada bem próxima à Irlanda.

Entretanto, o objetivo não é denegrir as ricas e fascinantes respostas ao texto da *Viagem de São Brandão* desde a Idade Média até o tempo presente. Estas respostas, eu argumentaria, estão ligadas ao tema desta conferência: a importância da paisagem para as percepções humanas do mundo. Finalmente, quero enfatizar que a *Viagem de São Brandão* apresenta de maneira convincente uma variedade de paisagens, reais e imaginárias. Ela mostra o Céu, o Inferno e os estados liminares entre eles. O conto é uma combinação de realismo com temas teológicos e fantásticos que tornam o texto tão especial e tão influente.

---

<sup>1</sup> Selmer ('Introduction', *Navigatio*, xxvii–xxix) argumenta por uma data no século X e uma origem continental. No entanto, sérias divergências nas cópias deste texto datadas do século X levaram Carney ('Review', 37–44) a sugerir uma data na primeira metade do século IX e uma origem irlandesa. M. Esposito ('L'éditio de la "Nauigatio S. Brendani,"' *Scriptorium* 15 [1961], 288), defende uma data no século IX e uma proveniência irlandesa, como também o faz I. Orlandi (*Navigatio Sancti Brendani: Introduzione* [Milão, 1968], 72–3, 131–60). D. N. Dumville ('Two approaches to the dating of "Navigatio Sancti Brendani"', *Studi Medievali* 29 [1988], 95–9), usa um inteligente argumento político para posicionar o texto na Irlanda do século VIII.

<sup>2</sup> Carney, 'Review', 37–44.

<sup>3</sup> Um estudo útil, apesar de datado, da geografia clássica é o livro de J. O. Thomson, *History of ancient geography* (Nova York, 1965); a recepção desta tradição clássica pelo cristianismo medieval é estudada em detalhe por N. Lozovsky, *The Earth is our book': geographical knowledge in the Latin West ca. 400–1000* (Michigan, 2000); um bom exemplo do conhecimento irlandês destas tradições pode ser encontrado no trabalho de Dicuill, editado por J. J. Tierney, *Dicuili Liber de Mensura Orbis Terrae* (Dublin, 1967) esp. I § 2.

<sup>4</sup> T. M. Charles-Edwards, 'The social background to Irish *peregrinatio*', *Celtica* 11 (1976), 43–59.

<sup>5</sup> W. F. Thrall, 'Clerical sea pilgrimages and the imrama', em *The Manly Anniversary Studies in Language and Literature* (Chicago, 1923), 276–83; K. Hughes, 'On an Irish litany of pilgrim saints compiled c. 800', *Analecta Bollandiana* 77 (1959), 305–31; J. Wooding, 'Monastic voyaging and the *immrama*', em *The Otherworld Voyage in Early Irish Literature: An Anthology of Criticism*, ed. J. Wooding (Dublin, 2000), 226–45.

<sup>6</sup> D. N. Dumville, '*Echtrae* and *Immram*: some problems of definition', *Ériu* 27 (1976), 73–94.

---

<sup>7</sup> Isidoro, *Etymologiae*, XIV, 6.8 (ed. Lindsay, vol. ii; tr. Barney, 294).

<sup>8</sup> Hughes, 'On an Irish litany', 305-31.

<sup>9</sup> VC 1.6, 2.42 (ed. & tr. Anderson & Anderson, 28-31, 166-71).

<sup>10</sup> Hughes, 'Changing theories' 146-7.

<sup>11</sup> W. Follett, *Céli Dé in Ireland: Monastic Writing and Identity in the Early Middle Ages* (Woodbridge, 2006), é o estudo moderno mais completo dos Céli Dé.

<sup>12</sup> Um bom exemplo é *The Monastery of Tallaght*, §17 (edd. & tr. Gwynn & Purton, 133).

<sup>13</sup> J. O'Neill (ed. & tr.), 'The Rule of Ailbe of Emly', *Ériu* 3 (1907), 104-5 (§33).